

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA COM ÁREA DE
APROFUNDAMENTO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

MIRIAM DAYSE CABRAL CAVALCANTE

**A CONTRIBUIÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CORDEL NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA DO CAMPO**

JOÃO PESSOA – PB

2025

MIRIAM DAYSE CABRAL CAVALCANTE

**A CONTRIBUIÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CORDEL NO PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia à banca examinadora no Curso Pedagogia - Área de Aprofundamento em Educação do Campo do Centro de Educação (CE), Campus I da Universidade Federal da Paraíba.

Orientadora: Prof^a. Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso.

JOÃO PESSOA – PB

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376c Cavalcante, Miriam Dayse Cabral.

A contribuição do gênero textual cordel no processo de ensino-aprendizagem na escola do campo / Miriam Dayse Cabral Cavalcante. - João Pessoa, 2025.

45 f. : il.

Orientação: Maria Aparecida Valentim Afonso.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia - área de aprofundamento em Educação do Campo) - UFPB/CE.

1. Educação do campo. 2. Leitura. 3. Literatura de cordel. 4. Recomposição da aprendizagem. I. Afonso, Maria Aparecida Valentim. II. Título.

UFPB/CE

CDU 376.7:028(043.2)

MIRIAM DAYSE CABRAL CAVALCANTE


**A CONTRIBUIÇÃO DO GÊNERO TEXTUAL CORDEL PARA O PROCESSO DE
ENSINO-APRENDIZAGEM NA ESCOLA DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia com área de aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba, Campus I, como um dos requisitos para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia.


Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Valentim Afonso

Aprovado em: 9 /10 /2025


COMISSÃO EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **MARIA APARECIDA VALENTIM AFONSO**
Data: 15/10/2025 09:13:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. M^a Aparecida Valentim Afonso- DEC/UFPB - orientadora

Documento assinado digitalmente
 **BRENO HENRIQUE DE SOUSA**
Data: 14/10/2025 22:38:23-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dr. Breno Henrique de Sousa- DEC/UFPB – 1º examinador

Documento assinado digitalmente
 **RICARDO DE CARVALHO COSTA**
Data: 15/10/2025 08:09:57-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Msc. Ricardo de Carvalho Costa- DEC/UFPB- 2º examinador

“A leitura verdadeira me compromete de imediato com o texto que a mim se dá e a que me dou e de cuja compreensão fundamental vou tornando também sujeito.”

(Paulo Freire).

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, pela minha vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos principalmente de saúde, encontrados ao longo do curso;

A minha família que sempre estiveram comigo me incentivando nesta jornada;

Aos povos do campo, de maneira a contribuir para uma educação com um olhar específico.

A todos que participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder força, sabedoria e perseverança para concluir esta etapa da minha vida.

Aos meus pais e irmãos que me incentivaram nos momentos difíceis.

Aos meus filhos, minha razão de viver, pois sem a compreensão deles eu não teria chegado até aqui, compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava aos estudos que se conclui na realização desse trabalho.

Agradeço também aos meus colegas de curso por compartilharem comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado durante esses últimos anos. Em especial a minha colega de trajetória de estudo Ana Maria Gonzaga, pelo seu companheirismo e pela sua troca de experiências que me permitiram crescer não só como pessoa, mas também como formanda.

A Universidade Federal da Paraíba, pelo ambiente acadêmico enriquecedor que foi fundamental no desenvolvimento da pesquisa que possibilitou a realização deste trabalho.

Aos professores Breno Henrique de Sousa e Ricardo de Carvalho Costa que se dispuseram a participar da minha banca, realizando uma leitura atenta e cuidadosa.

Aos professores, do Curso Pedagogia - Educação do Campo (Licenciatura), pelas correções e ensinamentos com o qual guiaram o meu aprendizado. A Prof. Dr^a: Maria da Luz Olegário, da disciplina de TCC; a coordenadora do curso Prof. Dr^a: Francisca Alexandre de Lima. A Prof^a. Dr^a. Severina Andrea Dantas de Farias, da disciplina de Pesquisa e Extensão no Campo, que foi essencial durante o processo de atuação da pesquisa.

A minha orientadora, Prof. Dr^a. Maria Aparecida Valentim Afonso, pela paciência, dedicação e valiosas orientações que foram fundamentais para realização deste trabalho.

Por fim, agradeço aos estudantes que me inspiraram a desenvolver este estudo em prol de uma educação voltada para o Campo.

Muito obrigada!

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo apresentar o relato das experiências vivenciadas com o gênero textual folheto de cordel realizadas com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em uma escola do campo, no município de Sapé/PB, de modo a contribuir com o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos. Os objetivos específicos consistiram em: contribuir para o fortalecimento da identidade cultural utilizando a Literatura de Cordel em sala de aula aproximando os estudantes desse gênero textual; discutir a história e as características do gênero folheto de Cordel; promover a confecção da capa de um Cordel aproximando os alunos da técnica da xilogravura; ler contos da literatura de cordel, assimilando sentidos, linguagens e contextos. Em relação a metodologia, esse trabalho foi elaborado a partir de uma abordagem qualitativa, utilizando-se da pesquisa de campo e participativa. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas a observação, a participação em uma palestra proferida pela gestora da escola trazendo informações sobre os desafios enfrentados pela instituição, pelos docentes e discentes. Além disso, foi feito o planejamento de uma sequência didática considerando o objetivo de realizar uma oficina com o gênero folheto de cordel. Constatou-se inicialmente que os estudantes do 6º ano apresentavam dificuldades na leitura e na escrita, e uma das prováveis causas seriam os processos de ensino-aprendizagem ineficientes realizados durante a pandemia do Covid-19. Diante disso, foi proposta uma sequência didática com a leitura do gênero textual cordel trazendo contos que fossem parte da realidade do campo. Concluiu-se que, é necessário que a escola e os professores estejam comprometidos com uma prática contextualizada, pois ler requer compreensão de sentidos e, por vezes ressignificação. Portanto, o texto a ser lido deve ser significativo e promover a articulação com a realidade do discente. As mediações devem ser planejadas por meio de atividades lúdicas, utilizando para isso, as variadas linguagens que estimulem a participação e favoreçam a aprendizagem.

Palavras-chave: Educação do Campo. Leitura. Literatura de Cordel. Recomposição da aprendizagem.

ABSTRACT

This final project aimed to present the experiences of sixth-grade elementary school students with the “Cordel” textual genre at a rural school in the municipality of Sapé, Paraíba, Brazil, to contribute to the development of reading and comprehension skills. The specific objectives were: to contribute to the strengthening of cultural identity by using Cordel Literature in the classroom by introducing students to this textual genre; to discuss the history and characteristics of the Cordel booklet genre; to promote the creation of a Cordel cover by introducing students to the woodcut technique; and to read short stories from Cordel Literature, assimilating meanings, languages, and contexts. Regarding methodology, this work was developed from a qualitative approach, utilizing field and participatory research. Data collection tools included observation and participation in a lecture given by the school administrator, which provided information on the challenges faced by the institution, teachers, and students. Furthermore, a teaching sequence was planned, considering the objective of holding a workshop using the cordel pamphlet genre. It was initially found that sixth-grade students had difficulties with reading and writing, and one of the likely causes was the inefficient teaching-learning processes implemented during the COVID-19 pandemic. Therefore, a teaching sequence was proposed involving reading the cordel textual genre, featuring short stories that were part of the rural reality. It was concluded that school and teachers must be committed to contextualized practice, as reading requires understanding meanings and, at times, reframing. Therefore, the text to be read must be meaningful and promote connection with the student’s reality. Mediations should be planned through playful activities, using a variety of languages that encourage participation and foster learning.

Keywords: Rural Education. Reading. Cordel Literature. Recomposition of learning.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1. Lampião e Maria Bonita.....	27
Figura 2. J. Borges cordelista	27
Figura 3. Imagem do Processo da Xilogravura.....	29
Figura 4. Xilogravura: A Professora.....	30
Figura 5. Xilogravura: Mudança de Sertanejo.....	30
Figura 6. Folheto: Nas asas da leitura.....	36
Figura 7. Momento leitura de folheto.....	36
Figura 8. Momento leitura do poema A corrida da vida.....	37
Figura 9. Momento construção de poema.....	37
Figura 10. Poema construído.....	37
Figura 11. Poema A corrida da vida.....	38
Figura 12. Leitura do conto de cordel.....	39
Figura 13. Atividade de compreensão do conto de cordel.....	40
Figura 14. Realização da atividade do conto de cordel.....	40
Figura 15. Atividade entre Poema e Xilogravura.....	41
Figura 16. Ilustração das capas de cordéis.....	42

LISTA DE SIGLAS

CE - Centro de Educação

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

PPP - Projeto Político Pedagógico

PNE - Plano Nacional de Educação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. EDUCAÇÃO DO CAMPO, LEITURA E LITERATURA DE CORDEL.....	18
2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL	18
2.2 CONCEPÇÕES DE LEITURA.....	21
2.3 LITERATURA DE CORDEL: HISTÓRIA E ATUALIDADE.....	24
2.4 A ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA DE CORDEL: TÉCNICA DA XILOGRAVURA...	28
3. CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	31
3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA.....	31
3.2 CAMPO DE PESQUISA	32
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	33
3.4 O PESQUISADOR E A PESQUISA.....	34
3.5 ETAPAS DE EXECUÇÃO DA PESQUISA	35
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
5. REFERÊNCIAS.....	45

1. INTRODUÇÃO

Ao iniciar este Trabalho de Conclusão de Curso, pude refletir sobre a educação voltada para os povos do Campo e sobre a interação com a comunidade escolar. Pude, também, visualizar e constatar a importância da troca de saberes entre o pesquisador e os contemplados com a pesquisa. Refleti ainda muito além, sobre a ideia de recomposição das aprendizagens, uma vez que após a pandemia a escola têm enfrentado a repercussão desse momento no desenvolvimento dos estudantes.

Ao pensar na defasagem de aprendizagem ocasionada pela pandemia o governo federal, através do Ministério da Educação (MEC), instituiu o Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens por meio do Decreto nº 12.391/2025. Essa política pública tem como objetivo garantir que todos os estudantes da educação básica recuperem os conhecimentos e habilidades perdidos, especialmente os afetados pela pandemia. Essa iniciativa que tem como objetivo apoiar estados, municípios e o Distrito Federal na recomposição das aprendizagens de estudantes da educação básica que apresentam defasagens. Além disso, a política busca garantir que os estudantes com lacunas na aprendizagem tenham acesso a uma educação de qualidade, reduzindo desigualdades e fortalecendo a equidade no ensino.

Durante a pandemia, o ensino remoto trouxe desafios significativos para a aprendizagem da leitura, especificamente para o processo de alfabetização e letramento. Naquele momento houve a necessidade de adaptação a novos formatos de ensino, pois não era possível a interação presencial entre alunos e professores. A pandemia desnudou a desigualdade no acesso a recursos como a tecnologia e materiais didáticos, especialmente para os estudantes das escolas do campo que não tinham acesso às tecnologias da comunicação e informação ao sinal de internet em suas regiões. Tais desigualdades de acesso contribuíram para as dificuldades na aquisição e desenvolvimento das habilidades de leitura dos estudantes do campo, resultando em defasagens e lacunas na aprendizagem que perduram até hoje.

As escolas do campo são espaços públicos de ensino situadas em áreas rurais pensados para acolher e atender as populações que fazem parte desse espaço. Nesse contexto, o formato da educação é voltado para oferecer uma valorização da cultura, dos conhecimentos e das necessidades dos povos

camponeses. Esses povos possuem saberes e cultura que advém de sua experiência e modo de vida que varia entre agricultores familiares, extrativistas, pescadores artesanais, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, caiçaras, entre outros. Embora tenha especificidades, o objetivo da educação do campo é promover uma formação humana integral e a construção de uma cidadania plena.

As escolas do campo devem levar em consideração as particularidades do local onde estão inseridas, especificamente o contexto econômico e cultural do público que atende. Em decorrência das especificidades do seu público-alvo, as escolas do campo podem apresentar muitas carências que podem estar relacionadas à sua localização, à falta de estrutura adequada e de recursos pedagógicos e tecnológicos, de transporte escolar provocado pelo distanciamento das famílias e do isolamento geográfico. Somam-se ainda a essas dificuldades a falta de formação continuada para os/as professores/as que atuam como docentes nesses espaços, aspecto essencial para a garantia da qualidade da educação e de um currículo contextualizado.

Pensar nessas carências e no processo de ensino e aprendizagem de uma escola do campo, durante e após ao período da pandemia, é refletir sobre as dificuldades enfrentadas por professores e alunos. Todavia não há como negar que os alunos foram, indiscutivelmente, os mais prejudicados, principalmente no eixo da leitura.

Sabemos que, a leitura é fundamental para o desenvolvimento do aluno, pois o acompanha para toda vida. Portanto, o ambiente escolar tem a função de inserir o aluno no mundo da leitura como um processo de aprendizagem contínuo e prazeroso. Nesse espaço educativo o aluno aprimora a sua capacidade de comunicação e de compreensão, desenvolvendo a leitura e a escrita de forma autônoma, produzindo e acessando os diferentes gêneros textuais.

Durante muito tempo o processo de ensino da leitura e da escrita foi voltado para a decodificação do código linguístico, adquiridos pelo método tradicional de ensino. Nesse contexto, o processo de leitura e escrita eram oferecidos longe de uma condição ideal para o seu desenvolvimento, com o uso de memorização, repetição e cópia. As mudanças ocasionadas por estudos e pesquisas de variadas áreas de conhecimento como a Psicologia, a Pedagogia, a Linguística, a Sociolinguística dentre outras promoveram mudanças na forma de conceber a criança e a sua maneira peculiar de aprender, exigindo mudanças metodológicas.

Tais estudos mostram a necessidade de métodos e abordagens que enxergue que a criança como sujeito de direitos e a compreensão de que a habilidade da ler e escrever devem ocorrer de maneira a conduzir o aluno para sua formação cidadã voltada para uma ampla visão do mundo. Segundo os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, apresentadas no livro *Psicogênese da Língua Escrita* (1986), as crianças trazem consigo uma bagagem cultural, a qual precisa ser valorizada como estratégia de construção de novos conhecimentos. As crianças elaboram hipóteses sobre a escrita e elas precisam ser compreendidas pelos professores com vistas a uma mediação pedagógica eficiente. Desse modo, a aquisição da leitura e da escrita passa a ser difundida como um processo de reflexão que a criança elabora desde a educação infantil.

Para Freire (1989), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ao pensar dessa maneira, constatamos que o professor em sala de aula leva o aluno a construir práticas de leitura marcadas pela interação e construção de significados. A partir dos conhecimentos dos alunos adquiridos anteriores à sala de aula.

É necessário perceber que os alunos das escolas do campo têm saberes e experiências advindos da sua relação com o meio social, mas a escola não proporciona a articulação dessas vivências com o ensino e as propostas realizadas. O que observamos é a desvalorização dos contextos sociais e culturais e a perda de vínculos do estudante com a literatura popular e com gêneros como: contos populares, brincadeiras, parlendas, adivinhas, mitos, cordéis, contos de assombração, cantigas e causos. Nesse sentido, o trabalho com o gênero folheto de cordel pode propiciar a reaproximação dos estudantes com essa produção. Esse fenômeno tem sido mais fortemente observado após o crescimento da tecnologia da comunicação e informação, uma vez que os gêneros que trazem uma representação da cultura popular são considerados por muitas pessoas, ultrapassados e superados, a partir da chegada e uso de textos digitais e multimodais.

Observando essa realidade podemos afirmar que a literatura de cordel é um gênero textual de grande valor cultural, capaz de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente na escola do Campo. Os cordéis são instrumentos culturais com função educativa, informam ao mesmo tempo em que divertem. Transmitem experiências, culturas regionais, interpretações da realidade com linguagem própria, diferente da linguagem tradicional que estão contidas nos

livros, motivo pelo qual podem aproximar o aluno de seu cotidiano, aguçando sua curiosidade e imaginação.

Considerando sua importância, a escolha da temática com foco na utilização do cordel como instrumento de contribuição para o ensino-aprendizagem, surgiu pelo fato de reconhecer que o gênero é importante e tem grande valor educacional e cultural. O seu uso em sala de aula, dá a possibilidade de propostas mais descontraídas, reflexivas e criativas, uma vez que esse recurso utiliza a linguagem, a oralidade, a escrita e, por vezes, a ilustração para atrair o aluno.

Diante desse contexto, acreditamos que a utilização do cordel em sala de aula do Campo, possibilita ao aluno uma ferramenta de incentivo à leitura, a medida em que desenvolvem autonomia, também encontram maior presença de aspectos afetivos e de interação da linguagem nas relações sociais entre eles, refletindo no melhoramento da leitura, da escrita e da compreensão de textos.

Assim, o presente trabalho visou a desenvolver uma proposta de sequência didática com o gênero folheto de Cordel, recurso pedagógico explorado sob diferentes linguagens e práticas de linguagem em atividades voltadas para o Ensino de português em uma turma de 6º ano do Ensino Fundamental, conforme orientação da Base Nacional Comum Curricular- BNCC (Brasil, 2017). As questões problemas que guiaram esse estudo foram as seguintes: É possível incentivar a leitura através do uso da literatura de cordel em práticas de sala de aula? Há um trabalho efetivo nas escolas do Campo com o gênero Folheto de Cordel? O gênero Folheto de Cordel favorece o desenvolvimento da leitura da criança?

A partir dessas questões elaboramos o objetivo geral desse trabalho que consistiu em “apresentar o relato das experiências vivenciadas em atividades com o gênero textual folheto de cordel realizadas com alunos do sexto ano do Ensino Fundamental em uma escola do campo, no município de Sapé/PB, de modo a contribuir com o desenvolvimento da leitura e da compreensão de textos”. Sendo assim, a proposta de trabalhar o Cordel como gênero textual e recurso pedagógico envolveu a articulação de conteúdos voltados para experiências e contextualizações, contribuindo para o processo de ensino-aprendizagem, na sala de aula do Campo. Espera-se que ao final da proposta incentivar o gosto pela leitura, a leitura crítica e a compreensão de textos no seu dia a dia.

Para alcançar esse objetivo mais amplo, elaboramos os seguintes objetivos específicos: contribuir para o fortalecimento da identidade cultural utilizando a

Literatura de Cordel em sala de aula aproximando os estudantes desse gênero textual; discutir a história e as características do gênero Cordel; promover a confecção da capa de um Cordel aproximando os alunos da técnica da xilogravura; ler contos da literatura de cordel, assimilando sentidos, linguagens e contextos.

A educação abre possibilidades, e no contexto da sala de aula do campo, podemos despertar a curiosidade dos alunos a partir da utilização da literatura de cordel. Construir nos alunos a conscientização de um compromisso profundo com a educação e sua realidade, para que ele seja de fato no futuro, um instrumento de mudança e transformação social. Promovendo atividades voltadas para a participação, de modo que eles possam analisar, observar, trocar experiências, expor suas opiniões e formar suas próprias concepções de mundo.

2. EDUCAÇÃO DO CAMPO, LEITURA E LITERATURA DE CORDEL

2.1 EDUCAÇÃO DO CAMPO: CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL

Os ideais capitalistas ressaltam o modelo urbano - industrial como padrão para as sociedades modernas. Esse progresso impiedoso, centrado no acúmulo de renda e na concentração de terras, resultou no fortalecimento do poder dos latifundiários e na exploração de mão de obra dos camponeses. Nesse contexto o campo tornou-se esquecido aos olhos dos projetos políticos, desencadeando o processo de migração para as grandes e médias cidades brasileiras.

A LDBEN de 1961 (Lei nº 4.024/61), contemplou a preocupação com a educação nas áreas rurais articulada à redução do crescimento migratório vigente na época, com o intuito de evitar o deslocamento excessivo de camponeses para as cidades. Esse movimento por sua vez, contribuiu para problemas habitacionais e para o crescimento de desigualdade social.

Na LDB de 1971 (Lei nº 5.692/71), sancionada em pleno regime militar, é fortalecida a formação para o mercado de trabalho como função central da escola, ao invés de favorecer a formação geral do indivíduo. Essa lei configura em um retrocesso sobre a educação do campo.

A constituição de 1988 e a nova LDB (Lei nº 9394/96), trouxe fundamentos para as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas escolas do campo, pois entende a educação destinada aos indivíduos camponeses. Sendo assim, um marco para a educação do campo, ao afirmar em seu artigo 28:

Na oferta da Educação Básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias a sua adequação, às peculiaridades da vida rural e de cada região, especialmente:

- I - conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural;
- II - organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- III - adequação a natureza do trabalho na zona rural.

Os camponeses que permaneceram no meio rural articularam-se em movimentos sociais em defesa de uma educação apropriada com a realidade do campo, independentemente de seus cidadãos residirem nas áreas urbanas ou rurais. Contudo, essas lutas obtiveram inúmeras conquistas, dentre elas, destaca-se a

instituição das Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo, em 2001.

A Educação do Campo é uma modalidade que ocorre em espaços rurais, capaz de reconhecer o direito à escolarização diferenciada e de qualidade. A relação de ensino-aprendizagem deve promover diálogo entre o conteúdo curricular e os conteúdos compostos pelas vivências, histórias e individualidade de cada um que circula pelos territórios educativos. Como cita os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A escola, na perspectiva de construção de cidadania, precisa assumir a valorização da cultura de sua própria comunidade e ao mesmo tempo, buscar ultrapassar seus limites, propiciando às crianças pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade (Brasil, 1997, p. 35).

Sendo assim, surge a identidade da escola do campo que se define a partir dos sujeitos sociais a quem se destina, e que tem a realidade como conteúdo básico da sua organização curricular. Atribuídos aos tempos e aos saberes do estudante e à memória coletiva da comunidade, articulando ao acesso aos conhecimentos científicos e tecnológicos.

A relevância da Educação do campo é notável, principalmente na história da educação do nosso país. Essa conquista nos remete a uma concepção de cidadania do campo, onde o camponês possa reexistir livre de discriminação entre seus aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, de gênero, geração e etnia.

A Educação do Campo deve atender às necessidades das populações rurais, dando ênfase a valorização da cultura, modos de vida e realidade social. Não se constitui apenas como espaço físico, mas sua existência como modalidade, vai além dessa perspectiva, representa um direito diante às desigualdades históricas enfrentadas pelas comunidades rurais, que não é difícil por vezes, terem esse direito chamado de escola, serem fechadas ou negligenciadas. No entanto, a luta continua, por uma escola que tenha um currículo escolar pensado na integração dos conhecimentos escolares com a realidade do meio ambiente e da vida social das comunidades, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com o artigo 6º das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo “a escola do campo deve corresponder à

necessidade dos indivíduos do campo tendo acesso à educação infantil, ensino fundamental, médio, profissionalizante, educação de jovens e adultos e educação especial”.

A grande colaboração do educador de escolas do campo, segundo (Margutti; Mariano; Furlanetti) é: “contribuir na organização do povo para que lute por seus direitos, formando os camponeses no fortalecimento da identidade de sujeito coletivo, nas novas relações de trabalho e na consciência política”.

Mas, afinal como deve ser o perfil do/a educador/a do campo? O educador do campo deve ser um profissional sensível à realidade do local, deve valorizar a experiência de vida dos alunos, sendo um facilitador da aprendizagem que estimula a troca de saberes e o respeito às diferenças culturais. Segundo Arroyo (2007), a Educação do Campo é um direito de todos, no entanto, é necessário reconhecer as diferenças e as especificidade desse grupo de pessoas.

Contudo pensar na Educação do Campo, é pensar em seu público-alvo, é dar direito a quem tem direito, é enxergar a possibilidade de uma educação justa e voltada a um processo de ensino e aprendizagem que respeite as especificidades dos sujeitos ocupantes de seus espaços seja na área rural ou na área urbana.

De acordo com Caldart (2011), atualmente no campo e na sociedade em geral, prevalece uma educação conformadora, que leva à destruição do próprio trabalhador, em todos os aspectos: de classe, de grupo social, de cultura, de humanidade. Diante dessa visão podemos pensar que a Educação do Campo se configura na defesa das desigualdades onde existe a necessidade de uma educação específica.

Sobre a identidade da escola do campo, podemos citar o que traz a oficialização das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo, que “estão instituídas na resolução CNE/CEB nº 1, de 03 de abril de 2002” (Brasil, 2004, p.2). Essas diretrizes retratam que o modelo de educação urbano não contempla as necessidades dos sujeitos que moram no campo. No seu Art. 2º, parágrafo único percebemos que:

A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes a sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por

essas questões à qualidade social da vida coletiva no país (Brasil, 2004, p.37).

Diante da identidade da escola do campo, essa modalidade de educação não se caracteriza como apenas um espaço alfabetizador, mas como um espaço de construção de saberes que valoriza sobretudo os saberes já adquiridos. E na luta de soluções para uma melhor qualidade de vida que valorize os sujeitos do campo.

2.2 CONCEPÇÕES DE LEITURA

A constituição de 1988 reconhece a educação como um direito fundamental, em seu Artigo 205, nos informa que “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Brasil, 1988).

A BNCC (Brasil, 2017) enquanto documento normativo estabelece os conhecimentos a serem ensinados ao longo dos níveis e modalidades da educação básica no Brasil. Com ela, o ensino passa a ter uma dimensão de referência nacional e obrigatória durante a elaboração e adequação de currículos e propostas pedagógicas.

Esse documento estabelece os conteúdos e habilidades que devem ser trabalhados nas escolas tanto públicas como privadas. Seu objetivo é garantir a qualidade do ensino e a formação integral dos estudantes. Está dividida em três etapas: educação infantil, fundamental e médio. Cria metas para alcançar o desenvolvimento das aprendizagens, por áreas. Que por sua vez, são cinco: Linguagens, Matemática, Ciências Humanas, Ciências da Natureza e Ensino Religioso.

Em relação ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental anos finais, a BNCC, traz o objetivo de desenvolver habilidades necessárias à participação em práticas de linguagem como (escuta, fala, leitura e escrita) e a preferência pela metodologia de aprendizagem ditada pelo uso da linguagem, em que a reflexão se segue ao uso e serve para incrementá-la.

A BNCC é um documento que estabelece as aprendizagens para a Educação Básica, entretanto a Educação do Campo visa garantir o direito à educação para as

populações do campo, considerando suas especificidades. A criança é inserida no mundo da leitura a partir da oralidade das pessoas do seu convívio, essa leitura vai sendo aprimorada com as experiências da vivência escolar.

A BNCC (Brasil, 2017) aborda a leitura como uma prática social e discursiva, compreendendo-a para além do texto escrito e incluindo imagens, sons e outras formas de expressão, que ampliam as experiências com os processos de leitura na atualidade, especialmente, por meio das tecnologias da comunicação. Ao discutir os gêneros textuais, a BNCC (2017) reconhece o folheto de cordel como um valioso recurso pedagógico para o desenvolvimento de diversas habilidades linguísticas e culturais, além de promover a valorização da cultura popular brasileira, principalmente a nordestina, com a história e identidade regional.

Assim, entendemos que, a leitura é fundamental para o desenvolvimento humano. O que nos leva a pensar não apenas na comunicação, mais amplamente, na interação, na comunicação, na interpretação e no desenvolvimento do pensamento crítico. Na atualidade onde o mundo está cada vez mais tecnológico, a leitura se torna essencial diante das diversas habilidades de nos tornar indivíduos capazes de aprender, adaptar-se, inovar, conectar-se com culturas diferentes, ideias e perspectivas. Pois é diante da leitura que nos são ofertadas as portas do conhecimento, das oportunidades e das descobertas.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (Brasil, 1999); o objetivo de estudo “da língua materna na escola aponta para uma reflexão sobre o uso da língua na sociedade” para tanto faz-se necessário que o sujeito seja compreendido como alguém que interage em seu meio, de acordo com sua esfera social.

A leitura deve ser uma atividade de troca, em relação ao processo de construção de sentido entre o que está sendo lido, expresso no texto e a compreensão do leitor. É uma atividade complexa que leva o leitor a obter suas próprias opiniões sobre o texto lido, trazendo suas experiências sociais e culturais para ajudar na compreensão do sentido do texto.

Para Marcuschi (2008, p. 228) a compreensão da leitura se dá de acordo com a junção de ambas as partes: “Ler é um ato de produção e apropriação de sentido que nunca é definitivo e completo”. Enfim, o leitor pode e deve ter sua compreensão do texto, de acordo com sua própria visão de mundo. Pode concordar ou discordar do texto lido.

Segundo Soares (2010, p. 21), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. Nessa dimensão, a autora compreende que o letramento envolve a leitura e a compreensão do texto, de modo que possa se apropriar do gênero textual para fazer uso dele em seu contexto social. Dessa forma, fazer o uso da leitura e escrita, com compreensão configura-se em um ato social.

O processo de aquisição da leitura deve ser transmitido de forma a atrair os sujeitos, principalmente valorizando o que eles já trazem consigo. Freire (1982, p. 9); afirma que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ou seja, o que o sujeito trás de experiência, de significado, de percepção ou de compreensão de vida vai de encontro com a relação entre leitura e a ação de ler. De fato, tudo o que o sujeito tem de conhecimento prévio, vai fundamentar no desenvolvimento da aprendizagem da leitura e da escrita.

Esse conhecimento prévio do mundo é construído através das vivências e interações sociais baseada na realidade de cada sujeito. A leitura está em todos os lugares, despertar a curiosidade no ensino da leitura, propicia um encantamento motivado pela vontade de aprender.

Conforme Martins (1990, p. 17) afirma:

Na verdade, o leitor preexiste à descoberta do significado das palavras escritas, foi-se configurando no decorrer das experiências de vida, desde os mais elementares e individuais às oriundas do intercâmbio de seu mundo pessoal e o universo social e cultural circundante.

A escola tem sua importância, principalmente no contexto de promover um acolhimento ao professor dando-o espaço para trabalhar o letramento de forma lúdica de acordo com a realidade do aluno.

Sousa (2004, p.34) compreende que:

O ato de ler é um processo dinâmico e ativo, pois ler um “texto” implica não só aprender o seu significado, mas também trazer para esse texto nossa experiência e nossa visão de mundo como leitor. Ao conceber o ato de ler, como um processo dinâmico, está se priorizando a formação de um leitor crítico e criativo. É claro que a formação do leitor não depende exclusivamente da escola, mas ela tem uma parcela significativa de responsabilidade nesse processo.

Para obtenção no âmbito da aquisição da leitura precisa-se de prática em sala de aula. Proporcionar uma interação entre o aluno e diversos materiais de leitura, com responsabilidade a fim de proporcionar influências positivas no hábito da leitura.

Martins (1990, p. 34) afirma que “Aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados”. Para a autora, há um trabalho espontâneo de leitura e compreensão que se dá pelo reconhecimento do mundo e da experiência de cada um. Ainda segundo Martins (1990) a leitura é instrumento libertador e possível de ser usufruído por todos, não apenas pelos letrados. Independente da classe social ou do nível de escolaridade, a leitura pode libertar e ampliar a visão do mundo. Isto porque o ato de ler livros torna o leitor conhecedor de quem ele é na sociedade, sabedor de quais direitos e deveres e de como se posicionar politicamente, socialmente e culturalmente em relação a sua existência enquanto transformador da sua realidade.

Para Martins (1990, p. 37) é possível identificar três níveis básicos de leitura: “os quais são possíveis visualizar como níveis sensorial, emocional e racional. Cada um desses três níveis corresponde a um nível de aproximação ao objeto lido”. Como a leitura é um processo dinâmico esses níveis se misturam entre si, de acordo com os interesses e expectativas do leitor.

2.3 LITERATURA DE CORDEL – HISTÓRIA E ATUALIDADE

O Cordel é um gênero literário popular, originado em relatos orais e depois impresso em folhetos cheio de palavras e ilustrações, contendo representações, experiências e informações que caracterizam a maneira de contar uma história de forma poética, expressada por meio de rimas o Saber popular. Por trás de sua confecção, esteve envolvido um escritor coberto de inspiração e saberes, numa prática que exerce uma função social e educativa, pois problematiza as questões da sociedade.

No Brasil, a literatura de cordel chegou com os portugueses e permanece até hoje, sendo considerada um elemento expressivo da cultura popular brasileira que possui uma grande relevância das tradições literárias regionais e que contribui para a perpetuação do folclore brasileiro.

Durante a antiguidade a maneira que a sociedade encontrou para preservar suas histórias, tradições e cultura foi através da memorização e da oralidade. Gerações maduras passavam seus ensinamentos às gerações mais novas através da contação de histórias.

Nesse contexto Coelho (2010, p. 27) afirma:

Em relação a gêneses da Literatura Ocidental, sabe-se que está naquelas longínquas narrativas primordiais, cujas origens remontam a fontes orientais bastante heterogêneas e cuja difusão, no ocidente europeu, deu-se durante a Idade Média, através da transmissão oral.

A partir da sua tradição oral, o cordel foi adaptado para a produção escrita, sendo impresso em folhetos e vendidos em feiras e mercados, encontrados pendurados em cordões. Configurava-se em um dos poucos meios de comunicação no interior do Nordeste, muitas vezes servia como instrumento para educar e informar.

Tendo em vista a época, a leitura se constituía através da memorização, onde essa comunicação era passada de geração em geração. Uma manifestação literária que ultrapassou os séculos.

Nos primeiros anos do século XIX, os cordéis traziam temas como cangaceirismo, impostos fiscais, custo de vida, baixos salários, seca, exploração dos trabalhadores, enfim as agruras da vida do nordestino (Abreu, 2011, p. 74).

Sendo assim, os cordéis retratam as diferentes formas de compreender a realidade, a vida e a condição humana. É um gênero textual dinâmico, que promove encantamento e envolvimento aos leitores.

Na atualidade, a Literatura de Cordel, historicamente ligada às culturas populares do Nordeste brasileiro, ainda se faz relevante, adaptando-se aos novos formatos e mídias. Tem ganhado espaço tanto na televisão como nas redes sociais, principalmente nos ambientes virtuais e sendo reconhecido como patrimônio cultural.

Portanto, representa uma forma de arte viva e que se adapta aos novos tempos, continuando assim com sua importância cultural e histórica.

O avanço da tecnologia e sua influência na leitura são abordadas por Chartier (1999), que destaca a revolução ocasionada pelos avanços tecnológicos. Esses avanços proporcionaram vários benefícios para os leitores: a facilidade de acessar variedades de livros e conteúdos literários a qualquer hora e lugar, através de dispositivos eletrônicos como celulares ou tablets.

Um cordelista que se destacou atualmente por atuar na televisão e em redes sociais foi o Bráulio Bessa. Em suas produções utiliza metáforas, repetições e rimas; suas temáticas são variadas e com bastante presença de regionalismo. Também utiliza o Instagram, que é uma plataforma digital para publicar vídeos em que ele mesmo declama seus cordéis. Um dos seus livros mais conhecidos é “Poesia com Rapadura”. Nesse contexto, na atualidade, a literatura de cordel está presente em variados suportes. Contudo, ainda precisa ser mais utilizada em sala de aula como recurso pedagógico para o desenvolvimento de habilidades de leitura e compreensão.

Logo, o seu uso se faz necessário para que os alunos tenham contato com os mais diversos textos literários. É no contexto escolar que o professor deve procurar trabalhar com a diversidade de gêneros textuais, levando em consideração as condições socioeconômicas do aluno e desenvolvendo o gosto pela leitura. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p.71), “Formar leitores é algo que requer condições favoráveis, não só em relação aos recursos materiais disponíveis, mas, principalmente em relação ao uso que se faz deles nas práticas de leitura”.

Dessa forma proporcionar ao aluno vivenciar a experiência de compreender as diferentes situações de comunicação com que se depara cotidianamente possibilita, também uma melhor escolha de vocabulário. Tendo em vista, que os cordéis tratam de vários assuntos como: ficção, tragédias, injustiças, romances, economia, política, aventuras, desigualdades sociais entre outros.

A utilização desse gênero na sala de aula, contribui para o aprendizado da valorização das variantes regionais, promove a interdisciplinaridade, estimula o interesse pela leitura e escrita na criação de poemas, além de fortalecer a identidade cultural popular brasileira. Dessa maneira, é possível afirmar que o ensino e a aprendizagem da oralidade ultrapassam os limites da sala de aula, levando o aluno a ser sujeito ativo no meio em que vive.

Entretanto o Cordel funciona como transmissor de histórias, crenças e conhecimentos da trajetória do povo nordestino. Ele contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e a valorização da cultura nordestina para as próximas gerações. Nesse contexto é um importante veículo de expressão cultural e de fortalecimento da identidade. Silva (2010, p. 2) afirma que:

A partir da Literatura de Cordel, a leitura pode ser trabalhada num caráter sociocultural, isto é, uma leitura como representação social. Por esse motivo, concebemos esse tipo de literatura como um recurso que propaga um conhecimento histórico social e que promove práticas pedagógicas inovadoras.

Pensar em atribuir ao aluno um incentivo de leitura através da valorização da história de representação social do cotidiano do povo nordestino é fazer um resgate da criticidade e do sentimento de pertencimento cultural.

Essa imagem a seguir representa a capa de um cordel do cordelista pernambucano, J. Borges. José Francisco Borges, foi um renomado cordelista e xilogravurista pernambucano, considerado um dos maiores nomes da literatura de cordel e da arte popular brasileira. Ele nasceu em Bezerros, 4 de agosto de 1935 no agreste de Pernambuco, e faleceu em 26 de julho de 2024, aos 88 anos. J. Borges era conhecido por ilustrar suas próprias histórias de cordel e por sua contribuição para a divulgação da cultura nordestina. Ao longo de sua carreira, J. Borges produziu 314 folhetos de cordel.

Figura 1 - Lampião e Maria Bonita



Fonte: BORGES (2025).

Figura 2 - J. Borges



Fonte: BORGES (2024).

2.4 A ILUSTRAÇÃO NA LITERATURA DE CORDEL: A TÉCNICA DA XILOGRAVURA

Os portugueses já utilizavam a técnica da xilogravura, antes da chegada deles ao Brasil. Essa técnica, quando trazida, foi desenvolvida na Literatura de Cordel. Com isso, diversas obras foram produzidas com a utilização da xilogravura, principalmente na região Nordeste do país.

A provável origem da xilogravura está relacionada aos chineses, com sua difusão pelos países, acabou chegando as nações europeias, iniciando a produção em grandes proporções, devido ao baixo valor de custo comparada as produções indústrias de livros ilustrados. Porém, com o avanço tecnológico do século XX, a técnica da xilogravura começou a cair em desuso, passando a ser utilizada apenas por artistas e artesões.

A xilogravura por meio do gênero cordel é uma expressão da cultura popular, particularmente nordestina.

É uma técnica de gravura especificamente produzida em madeira, utilizando facas para a criação de um relevo, a parte que não é retirada da madeira é usada para fazer uma espécie de carimbo, com um rolinho de borracha passando na tinta, em sequência passado sobre a madeira. Em seguida a impressão registra as partes elevadas da madeira entalhada, que são os pontos que encostam na tinta. Deixando a imagem carimbada no local desejado.

Figura 3 - Imagem do processo de Xilogravura



Fonte: MIGUEL (2005).

Na figura acima, no passo **1**, foi realizada a gravação do desenho de uma figura em uma superfície de madeira mole (cajá, imburana, cedro ou pinho) com instrumentos cortantes (goiva, faca, formão, buril). No passo **2** essa matriz foi preparada, com a aplicação de tinta, passado um rolinho com tinta, para cobrir todo o desenho sobre o relevo da figura. No passo **3** a matriz está com a tinta aplicada sobre toda a superfície elevada da peça. No passo **4** essa matriz está pronta para impressão. No passo **5** uma base de madeira é utilizada para prensar o material a receber a impressão e, por fim, no passo **6** a gravura foi impressa em outro local como um tecido ou um papel.

A xilogravura como arte nordestina, está entrelaçada com a literatura de cordel, trazendo um elemento visual e enriquecedor unindo ilustrações aos poemas

populares. Essas imagens agregam um diálogo entre o texto e o leitor; criando uma conexão com a história contada.

Geralmente essas ilustrações são encontradas nas capas, mas podem também ser encontradas dentro do folheto. Elas retratam cenas de ação, elementos do cotidiano ou do imaginário popular. É a criação da identidade nordestina transmitida de geração em geração.

A maioria dos xilógrafos populares brasileiros têm influência no cordel. Os principais são: Gilvan Samico, Abraão Batista, Amaro Francisco, José Costa Leite, José Lourenço e J. Borges.

Essas imagens abaixo de J. Borges representam a arte da xilogravura enquanto manifestação da arte popular do povo campestre. Geralmente as imagens retratam a vida do nordestino e todos os elementos tipicamente regionais. J. Borges foi um famoso artista nordestino conhecido por suas xilogravuras e seus cordéis. Em sua arte representa o cotidiano do cangaço, o amor, a religiosidade popular, entre outros. Teve suas inúmeras xilogravuras expostas em museus renomados, como o Louvre e o Museu de Arte Moderna de Nova York. Ele também ilustrou livros de autores famosos e foi o único artista brasileiro convidado a participar do Calendário da ONU em 2002.

Figura 4 - A Professora



Fonte: Borges (2024).

Figura 5 - Mudança de Sertanejo



Fonte: Câmara Dos Deputados (2025).

3. CAMINHOS METODOLÓGICOS

3.1 ABORDAGEM E TIPO DE PESQUISA

A pesquisa é de campo, pois foi realizada de forma em que o pesquisador e os sujeitos estiveram presentes em um mesmo ambiente. Onde foram observadas e aplicadas atividades com o objetivo de obter informações aprofundadas e concretas sobre determinado objeto de estudo.

Segundo José Filho (2006, p. 64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. Portanto deve-se buscar uma aproximação com a realidade do objeto de estudo de forma dinâmica e dialética.

Nessa pesquisa de campo, a estratégia de coleta de dados foi a observação dos sujeitos em relação as suas histórias, suas vivências, suas perspectivas em relação ao ambiente onde vivem e de como poderiam se enxergar, relacionado ao ambiente escolar e sobre o interesse em aprender de maneira a se tornarem construtores da sua própria história. Na fase da observação, foi analisado, coletado e interpretado os fatos que ocorreram dentro do ambiente estudado. Nesses momentos de relatos foram percebidos elementos importantes, como sentimentos, significados e até percepções desses sujeitos.

A pesquisa desenvolvida teve uma abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2014, p.57) “O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”.

A pesquisa é classificada, também como participante intervencionista. Para além da observação, essa pesquisa não se limitou em apenas observar, mas como forma de intervenção buscou propor soluções para as dificuldades encontradas. A partir de uma proposta de vivência para recomposição das aprendizagens, onde em conjunto com os sujeitos do campo foram estrategicamente abordadas e aplicadas uma oficina de produção de conhecimentos com o objetivo de desenvolver a leitura, utilizando a Literatura de Cordel para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da escola do campo.

Para Freire (1970), a natureza da intervenção é libertadora e transformadora, focando na conscientização e no empoderamento dos oprimidos para que questionem e transformem sua realidade. No entanto, essa conscientização se dá através da educação.

3.2 CAMPO DE PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Fazenda Buracão, localizada na cidade de Sapé - PB, no bairro Sítio Fazenda Buracão, no mês de março de 2024. Essa escola atende a uma faixa etária diversificada entre 9 e 18 anos de idade. Em seus níveis de ensino Fundamental II e Médio, entre o turno da manhã funcionam do 6º ano ao Médio e no turno da tarde do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

Os estudantes da escola são moradores de diversas localidades próximas, segundo relatos deles. Localidades como: Sítio Tucuns, Sítio Sapucaia, Sítio São João, Fazenda Buracão, Distrito de Renascença, Sítio Cajoeira, Sítio Souza, Sítio Pacatuba, Sítio Carnaúba, Sítio Biu Juvenal, Usina Santa Helena e Fazenda Primavera.

Os pais dos alunos da escola, trabalham na agricultura, entre a produção de cana-de-açúcar ou no cultivo de roçados próprios. Em sua maioria são semianalfabetos ou analfabetos.

Frente a esse contexto, a escola reconhece os desafios sociais e econômicos que afetam o processo de ensino escolar. Principalmente na dificuldade da relação direta dos pais com a educação dos seus filhos.

A escola conta com uma gestora graduada em Licenciatura em Pedagogia com área de Aprofundamento em Educação do Campo pela UFPB; com um secretário escolar, dez colaboradores que desempenham diversas funções, entre vigilante, serviços gerais, merendeiras e auxiliares; ambos atuam para um funcionamento escolar voltado para a qualidade dos serviços oferecidos.

A equipe de docentes é formada por 13 profissionais todos formados em suas respectivas áreas de atuação, que são: Português, Matemática, Geografia, Ciências, História, Inglês, Arte, Ensino Religioso, Educação Física, Sociologia, Filosofia, Química, Física e Biologia.

Em relação à estrutura, a escola comporta 8 salas de aulas, banheiros, pátio amplo, ambientes para gestão e para professores.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola como um documento norteador das práticas pedagógicas da escola, enfatiza a importância de oferecer uma educação abrangente e contextualizada com a realidade dos sujeitos do campo atendendo as necessidades específicas da comunidade local.

Tendo em vista a realidade dos estudantes, seus saberes e a relação do homem com a terra, o currículo da escola é contextualizado de acordo com a ressignificação dos saberes locais. Afinal, a história da escola retrata um período que a propriedade pertencia ao grupo Maguary, empresa que cultivava diversos frutos, como caju, abacaxi, mamão, coco, manga, acerola e outros para produção de sucos. Com o passar dos anos, a propriedade foi adquirida pelo grupo Japungu, que atualmente dedica-se ao cultivo unicamente de cana-de-açúcar.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos da pesquisa foram os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, moradores de localidades rurais próximas à escola e que possuem suas realidades e vivências no espaço do campo; em seu total foram 8 estudantes contemplados com a pesquisa, compreendendo 4 meninos e 4 meninas com idades entre 12, 13 e 14 anos.

Suas famílias, ou seja, seus pais ou responsáveis, são em geral pequenos agricultores ou trabalhadores do campo. Representam a essência e os desafios do campo.

Esses sujeitos são o espelho da escola, pois reforçam as práticas educativas da escola em função de preservar a valorização das práticas produtivas locais e do indivíduo ao seu ambiente.

Embora o Curso de Pedagogia com área de aprofundamento tenha como orientação desenvolver intervenções e projetos em turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, nossa participação na turma do 6º ano se justifica pela necessidade que foi identificada de recomposição das aprendizagens, especialmente, nas práticas de linguagem de leitura, oralidade e escrita.

3.4 O PESQUISADOR E A PESQUISA

Exerço o cargo de professora. Estou nessa profissão desde 2019, onde comecei dando aulas para alunos de reforço escolar, na sequência passei a lecionar em escolas privadas, onde estou atualmente.

Adquiri experiências em turmas de Educação Infantil VI e nas turmas de Ensino Fundamental I, entre 1º, 2º, 3º, 4º e 5º anos. Meu dia a dia é repleto de aprendizagens, pois lidar com crianças requer bastante pesquisa, planejamentos e paciência.

Minha experiência com a sala de aula, me faz refletir sobre o papel do professor, da escola e dos pais ou responsáveis pelos alunos. Pois são desafios diários enfrentados.

Minha experiência com a pesquisa me fez enxergar a necessidade de estar sempre oferecendo possibilidades de construção de conhecimento a partir de meios que proporcione a aprendizagem.

Ao dar início a pesquisa na escola Fazenda Buracão, campo de pesquisa, foi feito um levantamento da situação em relação ao nível de conhecimentos em que a turma se encontrava. Através de uma sondagem e participação em uma palestra com a gestora percebeu-se a existência de um sério problema nas turmas de 6º ano dessa escola, em relação a desfasagem da leitura e da escrita, provocadas pela pandemia do Covid-19.

Essa constatação da dificuldade da turma justifica a nossa pesquisa e ação pedagógica na busca de contribuir com a recomposição da aprendizagem dos estudantes. Para tanto, foram realizadas atividades com a intenção de recomposição de ensino, com a intenção de reduzir e de melhorar a proficiência dos estudantes. Foram aplicadas atividades elaboradas de maneira que os estudantes pudessem realizá-las de acordo com suas capacidades obtendo auxílio do professor pesquisador.

Os estudantes apresentavam perceptíveis dificuldades no eixo da leitura. Como foi realmente relatado pela gestora da escola no momento anterior. A pandemia afetou significativamente a aprendizagem dos alunos, principalmente os que estavam em nível de alfabetização, ou seja estudantes do Ensino Fundamental anos iniciais, uma vez que estavam com aulas remotas fato que prejudicaram o

ensino tanto de linguagens como de matemática. Esse impacto provocou a não conclusão da alfabetização para muitos desses estudantes na idade certa.

Pensando nessas dificuldades, a intervenção se deu como forma de agregar estratégias com a finalidade de minimizar essa lacuna na aprendizagem no eixo da leitura ocasionado pela pandemia.

3.5 ETAPAS DE EXECUÇÃO DA PESQUISA

A proposta de recomposição de aprendizagem por meio do estudo e da apreciação do gênero Literatura de Cordel de forma clara e dinâmica, para os alunos da turma de 6º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da cidade de Sapé – PB, consistiu em um trabalho colaborativo entre a Universidade Federal da Paraíba e a escola pública. Para isso, procuramos trabalhar com a Literatura de Cordel como um incentivo para os estudantes desenvolverem a leitura. A literatura de cordel por ser um material lúdico com potencial multimodal, tendo uma vertente poética, artística e regional tem os elementos que agregam a essa proposta o teor que mobiliza a curiosidade, a criatividade e o interesse pela leitura dos estudantes. Considerando essa perspectiva múltipla do gênero cordel organizamos as etapas da oficina desenvolvidas com a turma do 6º ano.

No **primeiro dia**: Foi realizada uma dinâmica com os alunos que consistiu em uma caixa que passava de mão em mão para retirarem perguntas. Após retirarem e lerem as perguntas deveriam respondê-las. Qual o seu nome? Você gosta de ler? Já manuseou um folheto de cordel? Sabe por que esses folhetos recebem o nome de cordel? Essas perguntas foram realizadas para saber os alunos já tiveram algum contado com o tema cordel ou com algum folheto. As respostas dadas por cada estudante propiciaram o conhecimento sobre a identidade do aluno e sua aproximação com o gênero cordel.

Em seguida, conversamos sobre o gênero textual cordel, apresentando um breve relato sobre o conceito, a história e a estrutura dos cordéis, enfatizando a característica da técnica da xilogravura encontrada neles, alguns autores e títulos. Esse momento foi realizado de forma dialogada, permitindo que os estudantes trouxessem suas dúvidas e, também os conhecimentos sobre o gênero. Durante esse diálogo a turma ficou atenta, interessada nos aspectos históricos, especialmente nas informações que aproximavam o cordel da cultura regional e dos

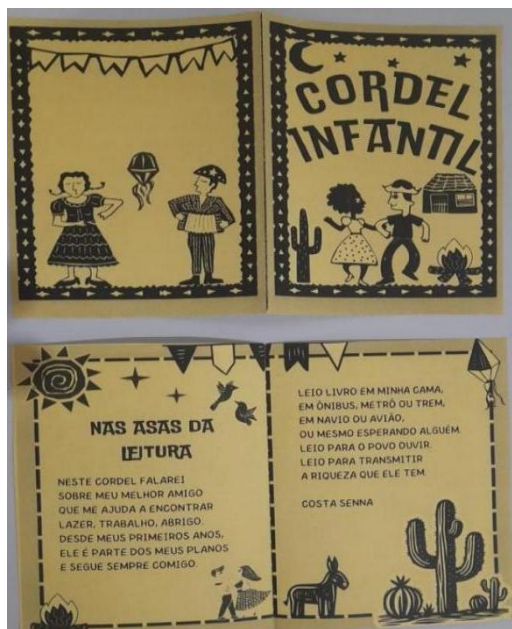
meios de produção do folheto. Na sequência os alunos tiveram a oportunidade de manusear alguns livretos de cordéis.

A leitura do poema Literatura de Cordel, “Nas asas da leitura” de Costa Senna foi realizada para mostrar a ludicidade do gênero, destacando o ritmo, a cadência e a entonação que deve ser utilizada na leitura. A leitura coletiva do cordel, também foi realizada pela turma para que pudessem vivenciar o ritmo de cada verso e das estrofes, mostrando que ler um cordel exige treino, criatividade e conhecimento.

Após a leitura trabalhamos a compreensão de texto, ou seja, fizemos questões para saber se os alunos tinham entendido o texto e sobre qual era o amigo que o autor se referia na história lida. Para finalizar foi contextualizado, as seguintes perguntas: O que é literatura de Cordel? Qual região brasileira a Literatura de Cordel foi mais destacada? Como são chamados os autores da Literatura de Cordel?

Todos ficaram entusiasmados e receberam as informações com atenção, e alguns relataram já terem vivenciado experiências com o cordel na sala de aula, com professores anteriores. Finalizei presenteando cada um com o folheto lido.

Figura 6. Folheto Nas asas da leitura



Fonte: Costa Senna (2012)

Figura 7. Momento leitura de folheto



Fonte: dados da pesquisadora (2025)

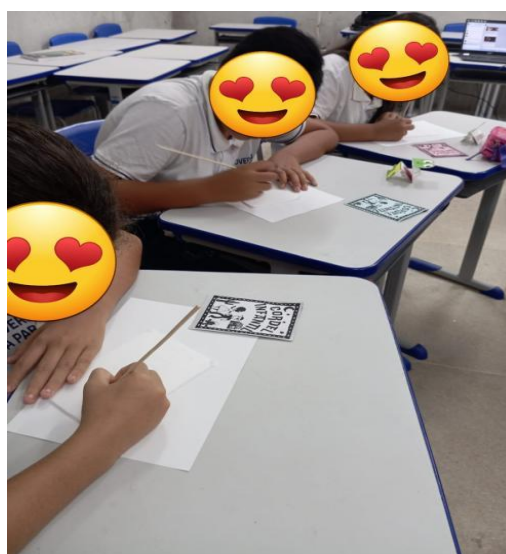
No **segundo dia**: Relembramos o que foi falado na aula anterior sobre o gênero cordel e suas características. Em seguida apresentei um poema do cordelista Bráulio Bessa, “A Corrida da Vida”. Após a leitura perguntei: Qual era o título do poema? Quem era o autor do poema? Qual foi o tema escolhido pelo cordelista? Na sequência, propus uma atividade sobre a criação de uma pequena estrofe de cordel construída coletivamente entre os alunos, com o tema: educação.

Figura 8 - Leitura do poema
“A corrida da vida”



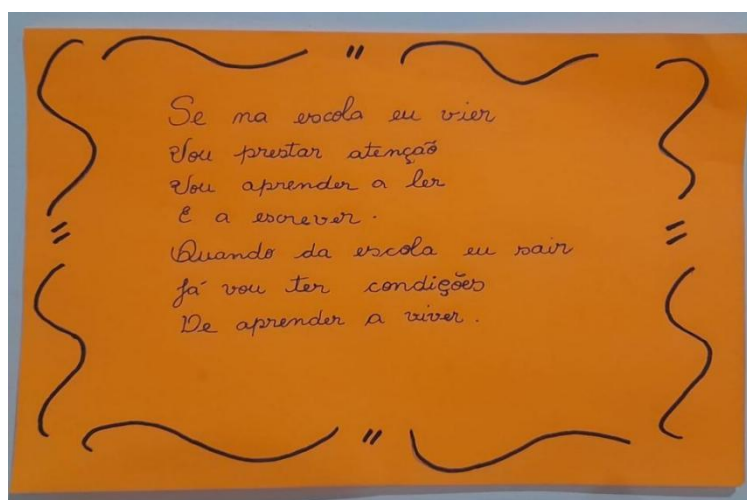
Fonte: dados da pesquisadora (2025)

Figura 9 - Momento construção de poema



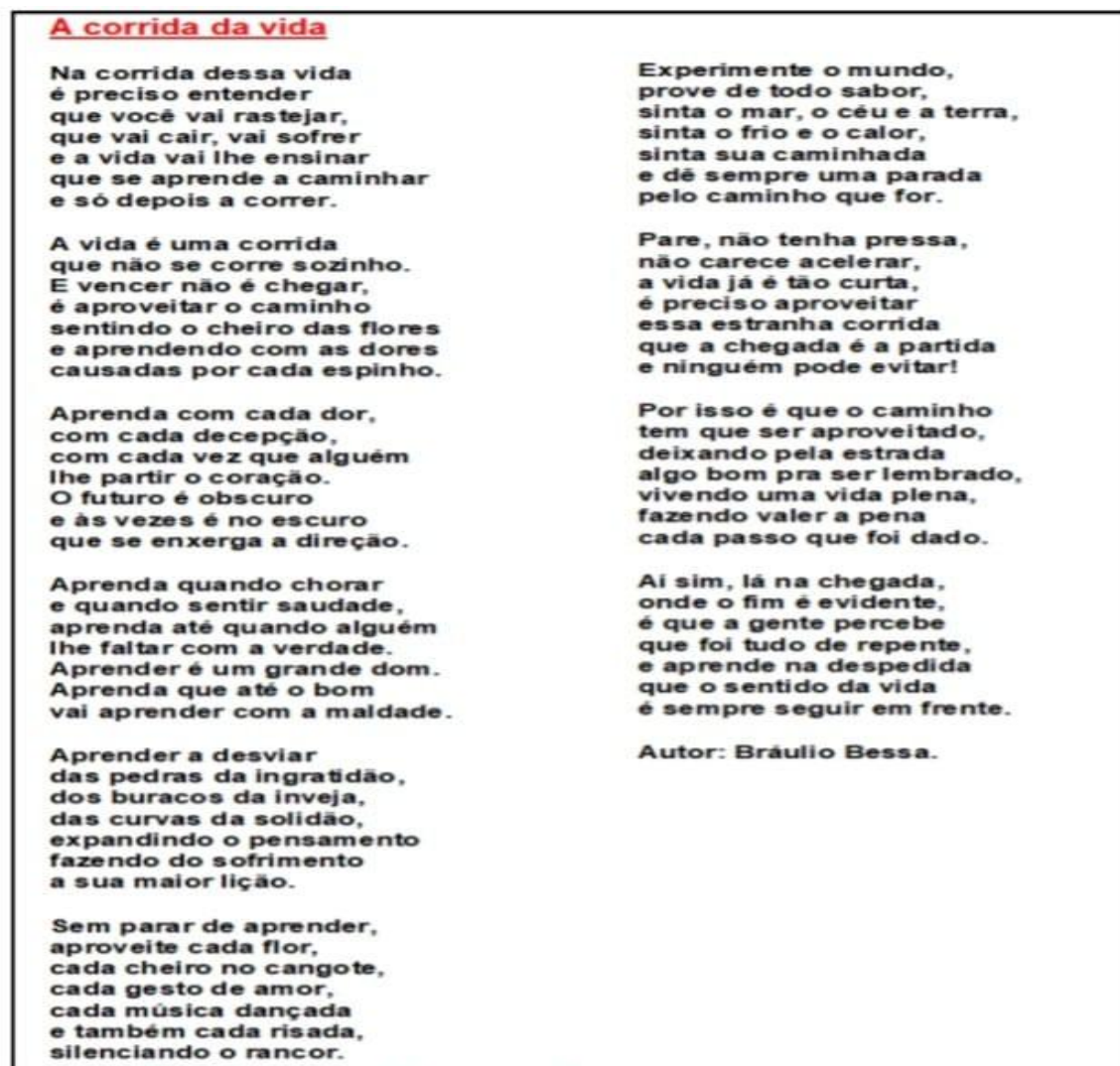
Fonte: dados da pesquisadora (2025).

Figura 10 - Poema construído



Fonte: dados da pesquisadora (2025).

Figura 11- Poema “A corrida da vida”



Fonte: Bessa (2018)

No **terceiro dia**: Foi apresentado um conto de cordel, intitulado de “Marmelo, O Jacaré banguelo!” da autora Mariane Bigio. Com a utilização de bonecos de fantoches. Essa apresentação se deu em forma de teatro, onde os próprios alunos atuaram, se passando por personagens da história.

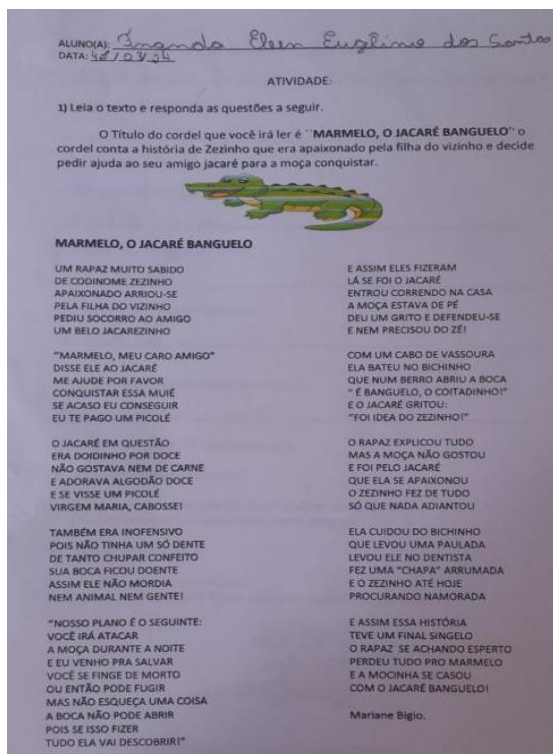
Foi aplicada uma atividade de escrita relacionando a interpretação da história do conto de cordel trabalhado.

Figura 12 - Leitura do conto “Marmelo o Jacaré Banguelo”



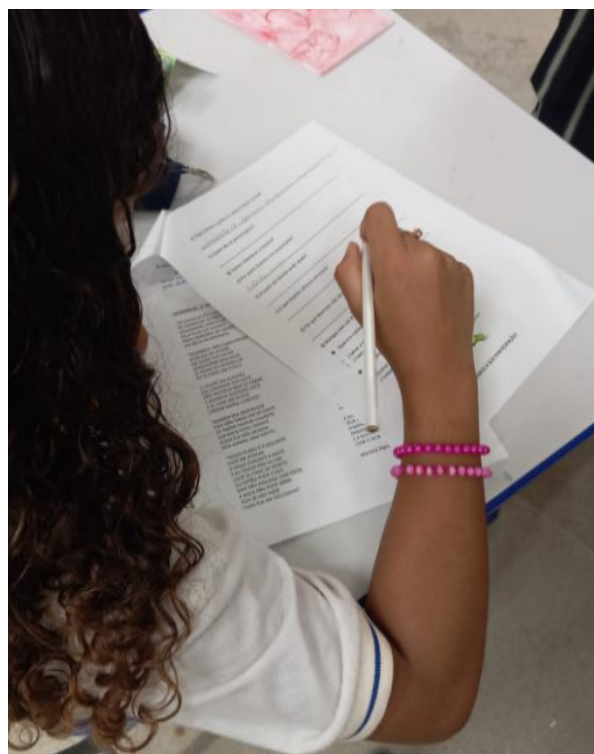
Fonte: dados da pesquisadora (2025).

Figura 13 - Atividade de compreensão



Fonte: dados da pesquisadora (2025)

Figura 14 - Realização da atividade



Fonte: dados da pesquisadora (2025)

No **quarto dia**: Foi apresentado o cordel "A força do Professor", de Bráulio Bessa e a xilogravura "A Professora" de José Francisco Borges. Para que os alunos pudessem fazer uma relação comparativa entre eles. Foi enfatizado que a técnica da xilogravura, é responsável por ilustrar as páginas dos poemas de cordéis. A xilogravura, como ilustração, tende a proporcionar a ampliação da imaginação do leitor a respeito do que se lê. Com elementos da cultura nordestina as ilustrações presentes na xilogravura exaltam o regionalismo com traços facilmente identificados no imaginário popular nordestino.

Na sequência foi aplicada uma atividade relacionada a análise do cordel trabalhado e a xilogravura apresentada, uma vez que ambas se complementam ao retratar a importância do professor. Para promover a conversa e mediação desse momento foi realizada a seguinte pergunta: observe que as duas expressões artísticas destacam a importância do professor. O cordel de Bráulio Bessa destaca as "armas" que seriam utilizadas por esse profissional. Qual seriam essas armas?

Figura 15 - Atividade de Compreensão entre o Poema e a Xilogravura

Aluno: _____ Data: ____/____/____

Atividade

O cordel de Bráulio Bessa e a xilogravura de José Francisco Borges se completam...

A Força do Professor

*Um guerreiro sem espada
sem faca, foice ou facão
armado só de amor
segurando um giz na mão
o livro é seu escudo
que lhe protege de tudo
que possa lhe causar dor
por isso eu tenho dito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Ah... se um dia governantes
prestassem mais atenção
nos verdadeiros heróis
que constroem a nação
ah... se fizessem justiça
sem corpo mole ou preguiça
lhe dando o real valor
eu daria um grande grito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Porém não sinta vergonha
não se sinta derrotado
se o nosso país vai mal
você não é o culpado
Nas potências mundiais
são sempre heróis nacionais
e por aqui sem valor
mesmo triste e muito aflito
Tenho fé e acredito
na força do professor.*

*Um arquiteto de sonhos
Engenheiro do futuro
Um motorista da vida
dirigindo no escuro
Um plantador de esperança
plantando em cada criança
um adulto sonhador
e esse cordel foi escrito
por que ainda acredito
na força do professor.*



A PROFESSORA J. BORGES

Agora que você já leu o cordel e analisou a imagem, responda as questões.

1-As duas expressões artísticas destacam a importância do professor. No cordel, Bráulio Bessa destaca as “armas” que seriam utilizadas por este profissional. Quais são elas? _

2-Na segunda estrofe, o cordelista aponta que os professores são os verdadeiros heróis da nação. Você concorda? Justifique. _

3-Retire do cordel: _

a) Uma palavra que rime com facão: _____

b) O antônimo de feliz: _____

c) Uma palavra que rime com esperança: _____

No **quinto dia**: Relembramos tudo que foi realizado durante as aulas anteriores. Fizemos uma atividade de xilogravura adaptada para o isopor com os alunos, onde cada um recebeu os materiais necessários para a concretização individual. Nesse momento, os alunos foram convidados a ilustrarem o conto de cordel que mais lhe chamou atenção entre todos trabalhados durante a sequência didática apresentada. Eles mesmos desenvolveram os desenhos, receberam materiais como: bandeja de isopor, palitos de madeira, tintas guache de várias cores e pincéis.

Como foi explicado anteriormente sobre o processo da xilogravura, nesta atividade utilizamos o isopor no lugar da madeira, numa técnica chamada isogravura, pois no ambiente escolar os materiais são de fácil acesso, manuseio e seguro, além de tornar a experiência mais simples e adequada para as crianças, permitindo assim que elas foquem na criatividade longe dos riscos de usar a madeira e objetos cortantes.

Carimbamos as ilustrações dos alunos em folhas de ofício e assinadas por eles para finalizar as atividades da sequência.

E por fim, todos os alunos gostaram da experiência, agradeceram pelas atividades desenvolvidas e se comprometeram que iriam se interessar pelas leituras diversas. Ficaram encantados com o trabalho que eles mesmos realizaram. O momento da despedida foi de agradecimentos mútuo, pois todos os envolvidos se comprometeram com a proposta de recomposição de aprendizagem realizada.

Figura 16- Ilustração de capa de cordel



Fonte: dados da pesquisadora (2025).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserir o cordel como recurso pedagógico na sala de aula do Campo, aproxima a produção cultural, na perspectiva de contribuir na construção da compreensão textual dos alunos, considerando as dimensões sociais, lúdicas e pessoais dos envolvidos no processo de ensino aprendizagem. O cordel, por ser um gênero com grande produção e disseminação na região nordeste, aborda temáticas próximas ao universo cultural e social dos estudantes, aspecto que aproxima o leitor, ajudando-o a compreender e dar sentido ao texto.

Diante disso, apresentar essa proposta de cunho pedagógico, com viés na recomposição da aprendizagem dos alunos do 6º ano, especificamente na prática de linguagem leitura, oralidade e escrita possibilitou a aproximação com a escola do campo e com os estudantes que desejam ampliar suas habilidades em leitura. O caminho percorrido para desenvolver a ação pedagógica, considerou a leitura e a conversa sobre a história, visando a compreensão mais ampla do texto, a discussão sobre a concepção e a estrutura do gênero cordel, conhecimento que possibilitou o encantamento dos alunos em participar das etapas de todo o processo da construção de saberes voltados a poesia dos folhetos. Para tanto, a linguagem foi adaptada para que os estudantes pudessem alcançar com maior facilidade a compreensão de todos os aspectos envolvidos na leitura, na produção e na história da literatura de cordel.

Assim, a utilização do cordel como gênero textual e recurso pedagógico na escola do campo, proporcionou uma estratégia favorável ao processo de ensino-aprendizagem, voltadas especificamente ao estímulo a leitura, escrita e a valorização da cultura dos povos do campo, na medida em que reconhece o gênero como um representante da cultura popular com vínculos com histórias e causos cujos enredos são vivenciados, geralmente, por pessoas que residem em áreas rurais. Por isso, a leitura do gênero pode contribuir para a formação dos alunos que leem e reconhecem as histórias como exemplos de aspectos da cultura nordestina, da sua cultura.

Diante disso, entendemos que a pesquisa participante desenvolvida, alcançou os objetivos previstos, promoveu a ampliação da compreensão dos alunos, levando poesia e ilustrações através da do cordel e da xilogravura, explorando o uso da linguagem em suas formas oral e escrita para sala de aula do campo.

Por sua vez, contribuir com a recomposição da aprendizagem possibilitou a implementação de estratégias pedagógicas flexíveis afim de alcançar o aprendizado do aluno, uma vez que houve a identificação de defasagens em relação as dificuldades encontradas na leitura e escrita, em decorrência da pandemia do Covid19. Nesse sentido, a ação resultou em uma proposta pedagógica de incentivo à leitura, iniciada por meio de uma pesquisa para conhecer as necessidades de uma escola do campo.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. O cordel em movimento: da tradição à contemporaneidade. In: GOMES, J. F.; SILVA, M. E. (Org.). **Cultura popular e resistência no Nordeste**. São Paulo: Editora Popular, 2011. p. 60-80.

ARROYO, Miguel Gonzalez. Políticas de Formulação de Educadores (as) do Campo. **Caderno Cedes**, Campinas, v.27 , n.72, maio/ago. 2007.

ASSIS, NASCIMENTO, FECHINE. **Tecendo os fios saberes convergentes**: escrita, educação e memória. Campina Grande – PB; EDUEPB, 2013. (Coleção substractum).

AVISA LÁ. **Imagem Processo de Xilogravura**. Revista Avisa Lá, São Paulo, n. 22, abr. 2005. Disponível em: https://avisala.org.br/wp-content/uploads/2005/04/avisala_22_gravura.jpg . Acesso em: 1 out. 2025.

BATISTA, Maria do Socorro Xavier; VICENTE, Dafiana. Socorro. S. **Educação do campo e currículo**: fortalecendo a identidade camponesa.

BESSA, Bráulio. **A corrida da vida**. Disponível em: <https://www.brauliobessa.com/post/a-corrida-da-vida>. Acesso em: 1 out. 2025.

BESSA, Bráulio. **A Força do Professor**. Publicado no blog Café com Poemas. [S.l., entre 2018 e 2022]. Disponível em: <https://cafecompoemas.com/a-forca-do-professor-braulio-bessa>. Acesso em: 09 out. 2025.

BIGIO, Mariane. **Marmelo, o Jacaré Banguelo**. Recife, 28 jul. 2014. Publicado no blog Cordel Animado. Disponível em <https://maribigio.com/2014/07/28/marmelo-o-jacaré-banguelo/>. Acesso em 09 out. 2025.

BORGES, José Francisco. **A Professora**. Disponível em: https://blogger.googleusercontent.com/img/b/R29vZ2xl/AVvXsEhJrAJ_h7dLwXnz2P2iScxG85KHrJMcmpkrJ5Vsjb9vMFAc6OLemuqywWSq_Wwki5pFpIMMkpdAiZkU4aii7YkDkPP-yNgTgY40NT8VTLMZdByQJb_dR89etcw0E4qGEFcaeCbZxm8OmJgo/s1600/A+professora+J.+Borges+48X66.jpg . Acesso em: 1 out. 2025.

BORGES, José Francisco. **José Francisco Borges**. Disponível em: <https://img.dhost.cloud/fjz0SqYyUQqmlfdwLmNrjKJgK0A=/770x480/smart/https://tdan.nyc3.digitaloceanspaces.com/images/f04b4/db127cb6a1038698b2a09d3b66fdddbb960.png> . Acesso em: 1 out. 2025.

BORGES, José Francisco. **Lampião e Maria Bonita**. Disponível em: https://www.mirabiledecor.com.br/media/catalog/product/cache/1/image/770x540/040ec09b1e35df139433887a97daa66f/x/i/xilogravura-lampi_o-e-maria-bonita-by-j-borges-66-cm-x-48-cm_img_3339_base.jpg .Acesso em: 01 out. 2025.

BORGES, José Francisco. **Mudança de Sertanejo**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/midias/image/2025/04/j-borges-62-37x49-cm-jpeg-1-768x568.jpg> .Acesso em: 1 out. 2025.

BRASIL. **Congresso Nacional**. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, N. 9394/96.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução CNE/CP n. 2, de 22 de dezembro de 2017** Base Nacional Comum Curricular. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 22 dez. 2017.

BRASIL. Decreto nº 12.391, de 28 de fevereiro de 2025. Institui o Pacto Nacional pela Recomposição das Aprendizagens. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ed. 43, p. 4, 5 mar. 2025.

BRASIL. Lei n.º 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 21 dez. 1961.

BRASIL. Lei n.º 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa diretrizes e bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Seção 1, Brasília, DF, p. 6589, 12 ago. 1971.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo**. Brasília, DF, 2001.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997. p. 126

CALDART, Roseli Salete. **Sobre Educação do Campo**. 2011. Disponível em: <https://lugori.com.br/wp-content/uploads/2022/12/Resenha-Teorica-do-texto-SOBRE-EDUCACAO-DO-CAMPO.pdf>. Acesso em: 09 out. 2025.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora Unesp, 1999

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e transformação**. São Paulo: Edusp, 2010.

COSTA, Isaias. **A força do professor**. Para além do agora, 15 out. 2018. Disponível em: <https://paralelodoagora.wordpress.com/2018/10/15/a-forca-do-professor/>. Acesso em: 1 out. 2025.

EVARISTO, Marcela Cristina. O cordel em sala de aula. In: **Gênero do discurso na escola**: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica. São Paulo: Cortez, 2000.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Arte Médicas Sul, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

JOSÉ FILHO, M. Pesquisa: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, M.; DALBÉRIO, O. **Desafios da Pesquisa**. Franca: UNESP – FHDSS, 2006. p. 63-75.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo; Parábola Editorial, 2008.

MARINHO, Ana Cristina, PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

MARGUTTI, Eliete de Carvalho; MARIANO, Annelise; FURLANETTI, Maria Peregrina de Fátima Rotta. **Teses sobre a Pedagogia do Movimento**. Texto inédito, junho de 2005.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. Rio de Janeiro: Hucitec, 2014.

PERNAMBUCO. Secretaria de Cultura. **J. Borges: mestre**. In: ARTESANATO de Pernambuco. [S.l.]: Governo do Estado de Pernambuco. Disponível em: <https://www.artesanatodepernambuco.pe.gov.br/pt/mestres/j-borges-mestre/mestre>. Acesso em: 01out. 2025.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

SENNA, Costa. **Nas asas da leitura**. In: SENNA, Costa. *Cordéis que educam e transformam*. São Paulo: Global Editora, 2012.

Senado Federal. **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília: Centro Gráfico, 1988.

SILVA, Amanda Muniz da. **A Trajetória da Literatura de Cordel: das Feiras às Mídias Digitais**. Verbum, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 23-25, set. 2023.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOUSA, Ana Maria. **O ato de ler na escola**. São Paulo: Cortez, 2004.